

Registo em **30.10.09** – 11:00 ☉ PPA em **3.11.09** – 12:00 ☉ **ANTENA 1** – Estreia em **6.11.09** – 17:12 ☉ 1ª Repetição em **7.11.09** – Antena 1 - 13:07  
 Autoria **Adelino Gomes** ☉ Com **Viriato Teles** ☉ Produção **Anacleto Cruz** ☉ Vozes de **Isabel Bernardo** e **Alberto Ramos** ☉ Gravação de **Paula Guimarães**

**GENÉRICO de Abertura**
**00:10**
**Base musical**
**1**

**AR** – Quinta-feira, 22 de Outubro, a meio da tarde, foi anunciada a nova equipa governamental constituída pelo primeiro-ministro, José Sócrates. A Antena 1 deu a notícia. Mas um quarto de hora depois, a emissão já estava no Estádio da Luz, onde o Benfica defrontaria a equipa do Everton, para a Liga Europa.

**IB** - Esta opção editorial contrastou com a atitude, por exemplo, da TSF, critica um ouvinte, que quer saber as razões do Director de Informação e conhecer o ponto de vista do provedor.

**AR** – O uso de estrangeirismos é muito comum na informação da Antena 1, queixa-se um ouvinte, a quem já aconteceu pensar que estava a ouvir uma rádio inglesa. *Case study* e *must* são os dois exemplos que a mensagem aponta, entre muitos outros que ouvintes têm feito chegar ao provedor.

**IB** – Eis a mensagem do ouvinte João Paulo Pereira

**AR** – *Hoje de manhã, durante alguns dos espaços noticiosos da Antena 1 (entre as 8 e 9 da manhã), ouvi a jornalista em serviço dizer palavras como: "case study" e "must" a propósito do computador Magalhães.*

*De repente, achei que estava a ouvir a BBC ou uma Rádio Difusão Inglesa.*

*Repudio e critico o uso e abuso do inglês havendo palavras / expressões portuguesas bastante adequadas como é o caso.*

*Agradeço que envie os esforços para que tal não aconteça.*

**Provedor** – Não é a primeira vez que abordamos neste programa questões relacionadas com o uso de estrangeirismos. Também não será a última, pois penso voltar ao assunto, com novos exemplos, já no próximo programa, se possível. Para corrigir os erros ou para tirar as dúvidas, conto com a opinião abalizada de peritos do Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, que comigo colaboram, graciosamente, nesta tarefa de indicar as mais adequadas maneiras de falar português.

Servi-me dos dois exemplos dados pelo ouvinte – *case study* e *must* – para perguntar à linguista Regina Rocha se nesta questão dos estrangeirismos não oscilaremos entre uma posição de grande laxismo e uma posição de enorme exigência restritiva – ambas, penso, igualmente indesejáveis.

**Regina Rocha** – Não podemos esquecer que as línguas, e nomeadamente a língua portuguesa, se enriquecem com palavras que vêm de outras línguas. Não vou agora pôr a cabeça na areia, como se costuma dizer, e dizer...

**Provedor** – Não é fundamentalista, portanto?

**RR** – Em alguns casos sou. Mas neste... No que diz respeito aos estrangeirismos sou, e concordo inteiramente com o ouvinte. Ele tem toda a razão...

**Provedor** – Ah, sim? Nem *must* nem *case study*? Toda a gente diz isso, hoje, na Academia...

**RR** – E porque é que diz? Se temos “estudo de caso”, é uma expressão vulgar, largamente utilizada, utilizada em meios académicos... Porque é que se há-de utilizar “case study”? E porque é que *must*... Não temos “obrigatório”, “a não perder”, “excelente”, “importante”, “magnífico”, “óptimo”? Sei lá, consoante o caso...

**Provedor** – O *must* é mais rápido e parece – vou utilizar uma expressão que a Senhora vai certamente repudiar – é mais impactante, tem mais impacto, não é? “É um *must*. Este é um *must* da nossa literatura...”

**RR** – Vou dizer: o facto de ser mais rápido... Aquilo que é mais rápido não significa por si só que é melhor. As coisas boas normalmente não são rápidas: são saborosas, são lentas, são suaves... A nossa língua é tão suave, porque é que havemos de ir para... E além disso é a nossa língua! Se é a nossa, significa que – agora vou ser fundamentalista – a língua é um património, é património nosso. E se é património, nós devemos preservá-la e devemos ter gosto em utilizar os termos que temos. Que são muitos...

**Provedor** – É verdade. Mas deixe-me fazer aqui uma adversativa. E esta adversativa que eu queria trazer é a seguinte: quando nós dizemos *must* – “é um *must*” – toda a gente pode utilizar essa palavra e toda a gente compreenderá rapidamente o que se diz...

**RR** – Ah, peço desculpa, tenho de o interromper...

**Provedor** – ...se nós vamos falar... Desculpe, se nós vamos falar em Português – “isto é excelente”, “isto é importante”, “isto é magnífico”, “isto é óptimo” – não encontramos um termo no qual...

**RR** – Não, desculpe, mas se disser *must*... Eu quis interromper para dizer o seguinte: se disser *must* quantos milhões de portugueses não vão compreender?

**Provedor** – Rapidamente vão. É como o futebol, a princípio ninguém sabia o que era...

**RR** – Não, peço imensa desculpa, mas nós temos... As pessoas às vezes pensam que estão a falar apenas para um público muito reduzido, e além disso... “É obrigatório ver isto”, porque é que é *must*? “Não podes perder essa peça”, “é interessantíssima”... Até, inclusivamente, com o *must* não diz nada, só diz que é obrigatório, enquanto que com outro termo qualquer até poderá acrescentar algo àquilo que é obrigatório ver...

**Provedor** – Eu acho que de todas essas palavras, o “obrigatório” é o mais próximo do *must*. O *must* tem esse sentido de imposição: “Tu deves”. É obrigatório. De outra maneira eu penso que andaremos sempre todos a dizer a mesma coisa mas por outras palavras. E não se atinge de imediato aquilo que o nosso interlocutor pretende.

**RR** – Não, não. Atinge-se. Peço desculpa, atinge-se. As pessoas é que pensam que, efectivamente, o facto de dizerem a palavra estrangeira parece que é mais elegante, é mais fino... Porque, vamos dizer duas coisas: porque é que existem estrangeirismos em português? É verdade – e eu comecei por dizer – não vou esquecer que as línguas se enriquecem com termos de outras línguas. Não só o português, como outras línguas, não é só o caso do nosso idioma. Agora, o que vou dizer é que nós precisamos de ver se na nossa língua não temos o termo correspondente. Se realmente esse termo designa um objecto, uma situação, um acontecimento [para] que nós não temos correspondente em português, então usá-lo-emos e até lhe damos a tal “roupagem”, aportuguesamo-lo. Agora, se temos um termo correspondente em português e só vamos usar porque é moda, porque parece mais elegante... Ah, que diabo!, dizer “é obrigatório”, isso é muito corriqueiro, vou dizer “um *must*” porque julgo que estou a ser mais elegante. Não estou, não estou! Estou a ser apenas uma pessoa acrítica, subserviente em relação ao inglês, com uma subserviência que às vezes até chega a ser ridícula. E as pessoas que utilizam não percebem que aqueles que não a utilizam consideram isso ridículo...

**Provedor** – Vou-lhe responder utilizando um estrangeirismo, porque realmente não encontro... para concordar com a Senhora, mas porque não encontro em português a palavra certa. Eu tinha vontade de dizer assim: *touché*! Portanto, eu estou de acordo com os seus argumentos, mas como é que eu hei-de dizer isto em português?

**RR** – Ah, gostei desse *touché*, do francês... Sabe?, ainda por cima, é que eu tenho um particular apreço pelo francês, porque a minha formação de base é francês e português.

**Provedor** – Eu proponho que no próximo programa voltemos a falar de estrangeirismos.

**RR** – Acho bem, porque há muito ainda por dizer sobre estrangeirismos.

**IB** – Provedor do Ouvinte, em conversa com a linguista Regina Rocha.

<b>Separador</b>		<i>Excerto da emissão de 22 de Outubro – 17h48'30"</i>
------------------	--	--

**AR** – A mensagem que se segue foi enviada no passado dia 22 de Outubro. Ainda não tinham decorrido duas horas sobre este anúncio público da composição do novo governo.

**IB** – O seu autor identifica-se como Nuno de Abreu e não fornece nenhum dos restantes elementos de identificação requeridos pelo regulamento dos Provedores.

Adelino Gomes, como em relação a qualquer outro ouvinte, preferia que se identificasse plenamente.

Mas porque a questão se reveste de interesse público e porque conhece o remetente – um jornalista, aliás famoso, embora sob outra assinatura profissional – decidiu trazer a mensagem à antena (é a segunda vez que o provedor o faz em relação a este atento ouvinte).

**AR** – *O novo Governo foi anunciado a meio da tarde de hoje. Viajando de automóvel, tinha o rádio do meu carro sintonizado na TSF, que transmitia um relato de futebol. De imediato a TSF interrompeu o relato de futebol e passou a dedicar-se exclusivamente à nova notícia, que considerou mais importante: Havia novo Governo em Portugal.*

*Curioso de perceber a estratégia informativa da Rádio Pública perante o mesmo acontecimento, mudei-me para a frequência da Antena 1. Que, impassível, continuava a transmitir futebol. E assim aconteceu durante mais de 35 minutos, até ao intervalo do jogo. Entretanto, a opção editorial da TSF foi a de não largar nunca mais a notícia do Governo e não regressar ao futebol. Duas linhas editoriais antagónicas.*

*Se este tema merecer a atenção do Senhor Provedor, gostarei muito de conhecer as razões do director de Informação da Antena 1 e, mais ainda, a opinião do jornalista Adelino Gomes.*

<b>Base musical</b>	<b>2</b>	
---------------------	----------	--

**IB** – O provedor ouviu, nos arquivos, a sequência informativa daquele fim de tarde na Antena 1. Após o que deu a conhecer esta mensagem ao director de informação, João Barreiros.

Pedi-lhe, nomeadamente, que indicasse as razões que o levaram a optar por preservar, na íntegra, o relato do jogo entre o Benfica e o Everton e a remeter novas informações para os intervalos deste jogo bem como para os espaços de emissão concedidos ao jogo do Sporting em Riga, também para a Liga Europa.

**João Barreiros** – A decisão de iniciar a transmissão do Benfica-Everto, um jogo a contar para a Liga Europa de Futebol, foi minha. Mas julgo que há uma imprecisão no relato deste ouvinte, uma vez que o nome dos ministros do novo governo foi conhecido antes do jogo começar.

Cerca de 10 minutos antes. Foi esse o tempo que aproveitámos para dar a conhecer as escolhas do Primeiro-Ministro, com uma intervenção da repórter Susana Barros, em Belém, e as primeiras análises de Nicolau Santos e Carlos Magno.

Poderia ter decidido adiar o início da transmissão do jogo do Benfica, mas não o fiz, sobretudo por duas razões: em primeiro lugar porque os dados essenciais de que dispúnhamos já tinham sido contados, merecendo uma primeira análise de conjunto - e nesse sentido os ouvintes estavam informados do que de mais relevante havia para saber. Depois porque o jogo do Benfica seria transmitido não só pela Antena 1 mas também pelos canais internacionais da RDP e por inúmeros canais lusófonos no estrangeiro, que ficariam prejudicados por tal decisão. Devo dizer que estimamos o número de ouvintes abrangidos por tais emissões em muitos milhares de pessoas de fala portuguesa.

Duas soluções haveria para este caso: um desdobramento das emissões, se tal fosse possível. Mas não era, dado o tempo limitadíssimo em que trabalhámos: os nomes dos novos ministros chegaram à redacção da Antena 1 poucos instantes antes de decidirmos dar início a esse especial de Informação.

E a segunda solução – que já aqui várias vezes referi – seria o grupo RDP dispor de um outro canal que permitisse servir o público do futebol, e aquele que pretendia mais informação e debate sobre o novo governo, tema a que só voltaríamos no intervalo da partida.

<b>Base musical</b>	<b>3</b>	
---------------------	----------	--

**AR** – João Barreiros, indicando os fundamentos da decisão editorial que levou a direcção de informação da RDP a optar pela transmissão na íntegra dos jogos da Liga Europa no dia em que foram conhecidas as personalidades que iam integrar o novo Governo.

**Provedor** – Para melhor compreendermos o que está em jogo, convém descrevermos cronologicamente o que se passou e não limitarmos o seu âmbito à informação inicial, dada pela primeira vez na Antena 1 às 17 horas 48 minutos e 30 segundos. Essa interrupção da emissão, a que o apresentador chamou “janela de informação”, durou cerca de 12 minutos, terminando pouco depois do sinal horário das 18 horas.

Nessa altura iniciou-se um Especial Desporto que duraria até às 22h45.

Ao longo das 4 horas e 45 minutos pelas quais se prolongou este Especial Desporto – isto é, futebol –, os ouvintes da Rádio pública tiveram novas informações sobre o novo governo nos seguintes horários e durante o tempo que vamos indicar:

**AR** – Primeira informação: às 18 horas, 48 minutos e 40 segundos. Durou até às 18 horas, 56 minutos e 40 segundos – 8 minutos, portanto.

**IB** – Segunda informação – 19 horas, 56 minutos e 40 segundos até às 20 horas, três minutos e 35 segundos – um pouco menos de sete minutos de duração.

**AR** – Terceira informação às 20 horas e 53 minutos. Até às 21 horas e 5 minutos. Cerca de 12 minutos.

**IB** – Se somarmos a estes três momentos noticiosos a “janela de informação” que precedeu o Especial Desporto temos 4 intervenções da Informação da RDP em 5 horas de emissão. Duração total destas quatro intervenções: 39 minutos.

**Provedor** – Eu sei que se pode fazer o que se quiser com os números. Mas não resisto a mais duas constatações:

**AR** – A primeira é que numa tarde e noite de programação normal, aquelas 5 horas representariam no mínimo 63 minutos de informação. Independentemente de haver ou não notícias importantes de última hora.

Pois bem, naquela tarde e noite, não só não houve as informações à hora certa - é o que acontece sempre que há especiais desporto – mas o total do tempo consumido nos intervalos da transmissão desportiva pouco ultrapassou metade do seu tempo normal.

<b>Cortina</b>	<b><i>Neste caso, o Provedor entende que...</i></b>	
<b>Base musical</b>	<b>3</b>	

**Provedor** – Comentando o que acabamos de ouvir, gostava de começar por dar o meu acordo ao que o director de informação da RDP, João Barreiros, sustentou nesta sua resposta: aqueles 12 minutos iniciais, antes do jogo, continham o essencial. Quando o jogo começou, os ouvintes da rádio pública já estavam informados sobre o que de mais relevante havia para saber naquele momento.

Sou sensível também a outro argumento, que este responsável não invoca directamente, mas que costuma estar presente nas discussões sobre o papel da informação na Antena 1 – o carácter generalista desta estação.

A Antena 1 não é uma rádio de informação, como a TSF, para usar o exemplo apontado pelo ouvinte Nuno de Abreu. É uma rádio generalista

Mas é também uma rádio pública.

Ora, quando começamos a fazer novas contas com os números que aqui indicámos, é chocante constatar que num momento daqueles o interesse público colectivo representa em termos percentuais muito menos do que o interesse dos adeptos de três clubes de futebol – Benfica, Sporting e também do Nacional, que nesse dia jogou em Bilbau também para a Liga Europa. Três clubes estimáveis, evidentemente. Mas convenhamos que, no mínimo, não mais estimáveis que o clube maior que é o de um país inteiro que todos constituímos.

Outras razões de discordância em relação à atitude adoptada naquelas circunstâncias:

1. Dos longos momentos de silêncio noticioso entre as 18 e as 23 horas (No caso concreto manteve-se o ritmo de informação apenas de hora a hora no intervalo dos jogos, sem uma mínima explicação no momento do sinal horário sobre o que se estava a passar no “outro mundo”, o mundo da governação em Portugal).
2. Discordo também de não ter havido um segundo de informação entre as 21 horas e 5 minutos e as 23 horas daquela noite.

Há aqui um princípio que já prevalece há longos anos na rádio pública e de que discordo também há longos anos: à hora de um jogo de futebol não se fala de mais nada a não ser...de outro jogo de futebol. Têm que ser relatados todos os passes, todos as faltas, todos os lançamentos.

Ora, a verdade é que, havendo dois, três ou mais jogos ao mesmo tempo, há um que necessariamente prevalece, interrompendo-se sempre que há um golo ou uma jogada perigosa dos outros. Se um golo de um clube pode interromper um relato principal, é óbvio que também o pode e deve fazer uma notícia nacional e internacional relevante.

Eu sei que esta regra de bom senso jornalístico já impera na RDP. Mas olhando para este ano e meio que levo de mandato sou levado a considerar que se trata de um princípio pouco aplicado.

Saúdo os passos que já foram dados no sentido de atenuar a rigidez da separação entre os dois sectores.

Este caso do novo governo teria sido uma bela ocasião para mostrar a compatibilidade entre um Especial Desporto e um Especial Informação.

No caso concreto, notei que Paulo Sérgio – o pivot da emissão especial do desporto – por mais de uma vez lembrou as circunstâncias políticas do dia. Fez muito bem. Bastava apenas um pouco mais: que a direcção de informação tivesse optado por abrir mais frequentemente “janelas de informação”.

Fazê-lo, serviria melhor o interesse de toda a audiência, na sua diversidade. E só enriqueceria a rádio, do meu ponto de vista.

E não levantaria quaisquer problemas técnico-profissionais. Afinal, tanto a Informação como o Desporto envolvem profissionais do jornalismo. Que se regem ou devem reger pelos mesmos critérios jornalísticos de bom senso e rigor.

Por fim e para responder à questão de fundo levantada pelo ouvinte:

Diz a cláusula 6ª do Contrato de Concessão em vigor sobre a emissão de âmbito nacional que a Antena 1 deve garantir:

**IB** – *“Uma emissão de carácter eminentemente pluritemático, com opções diversificadas e uma forte componente informativa e de entretenimento, destinada a servir a generalidade da população, atenta às realidades regionais e à divulgação de música portuguesa, seus intérpretes e compositores, bem como às manifestações culturais, desportivas e outras, de grande interesse do público.”*

**Provedor** – Não me parece restarem dúvidas de que aquilo para que a letra do Contrato de Concessão aponta é para uma conciliação desses interesses, que aliás são comuns a todos.

É isso que defendo também quanto a este caso levantado pelo ouvinte.

Estou convencido de que teria sido possível conciliar o interesse de todos com o interesse dos muitos que queriam acompanhar os três jogos.

Incluo nestes muitos não apenas os ouvintes que residem em Portugal, mas também os portugueses e africanos que ouvem a transmissão dos jogos na RTP Internacional, na RDP-África, na Internet e em estações dos quatro continentes que retransmitem esses jogos em tempo real. É um público-alvo de centenas e centenas de milhares de ouvintes em todo o mundo cujos interesses não devem ser esquecidos o que, mais uma vez, aconselha um esforço de conciliação.

<b>Base musical</b>	<b>4</b>	
---------------------	----------	--

**Provedor** – Novo caso ocorrido esta quinta e sexta-feira, com a apresentação e discussão do programa do novo governo veio colocar novas questões, que merecem reflexão e que abordarei num próximo programa.

<b>2</b>	<b>GENÉRICO Final</b>	<b>00:25</b>
----------	-----------------------	--------------